

Tentámos percorrer seis séculos da vida colectiva do concelho que nos foi berço, e agora, tendo chegado ao fim, só temos pena da carestia documentária nos deixar tantas lacunas, decerto insupríveis. Se a atenção dalguns leitores fôr despertada e se por acaso conhecerem elementos que modifiquem ou alterem o que escrevemos, favor é comunicarem-nos e uma segunda edição virá corrigir a presente.

Entretanto cumpre agradecer aqui ao Sr. Dr. Leite de Vasconcelos que, pondo ao nosso dispor as colunas do *Arqueólogo*, facilitou esta publicação; ao Sr. Fernando Caldeira, que nos forneceu a maior parte das fotografias que reproduzi, e ao pessoal da Imprensa Nacional, especialmente ao Sr. Joaquim David Gomes, cujo zêlo, competência e solicitude são já deveras proverbiais.

A todos pois o nosso agradecimento.

(Conclui).

ANTÓNIO BAIÃO.

Arqueologia liceense

A estação prehistorica de Liceia ou Licêa, na frèguesia de Barcarena, concelho de Oeiras, foi descoberta por Carlos Ribeiro, e sabidamente estudada por ele em 1878 numa memoria intitulada *Noticia da estação humana de Licêa*, que constitue o vol. I da *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*. À mesma estação me referi nas *Religiões da Lusitania*, I, 49-53, resumindo em parte o que diz Ribeiro, e juntando observações que eu fizera no local em 1896.

Por um lado a abundancia de objectos neolíticos que costumam aparecer junto de Liceia e nos vales que rodeiam a povoação, e por outro o saber-se que as antiguidades da região haviam servido já de assunto scientifico a um homem tão competente como Carlos Ribeiro, despertaram a curiosidade e o patriotismo de várias pessoas da frèguesia, que em 1909 se lembraram de organizar, como apenso da «Liga dos interesses de Barcarena», um museu onde se reunissem todas as cousas de valor archeologico que continuassem a achar-se: de facto o museu fundou-se, e mercê principalmente da dedicação dos Srs. Manoel Esteves Rodrigues, e Casimiro Augusto de Carvalho, a quem outros benemeritos Barcarenenses secundam com entusiasmo, vai aumentando de dia para dia, e em breve constituirá uma bela página de Archeologia estremenha.

Como Barcarena e Liceia ficam perto de Lisboa, e a ida lá constitue um passeio dominical muito agradável, não raro o dou, ora sòzinho, ora em companhia de amigos, e em todos esses passeios tenho occasião de examinar no Museu de Barcarena novos documentos do

homem neolítico liceense, e de trazer para o Museu Etnologico machados de pedra, silices, fragmentos ceramicos, percutores, mós, que a generosidade dos Srs. Casimiro de Carvalho, e Esteves Rodrigues e o seu proprio concurso permitem que eu adquira no campo e nas casas dos aldeões.

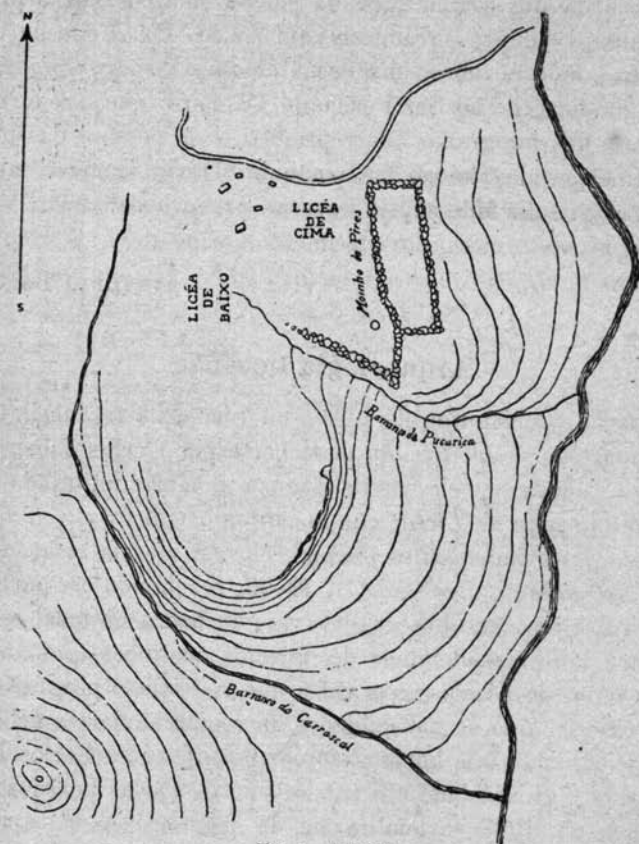


Fig. 1 — (Liceia)

Para tornar mais conhecidas todas essas antigualhas, as do Museu de Barcarena e as do Ethnologico, inauguro hoje no *Archeologo* uma serie de estudos e notas, á semelhança de outras aqui publicadas por vezes.

I

Reproduzo na fig. 1 a est. II do livro de Carlos Ribeiro, com esta diferença: onde ele tem «Moinho de Moura», escrevo «Moinho do Pires», porque aquele nome, como já observei nas *Religiões*, I, 53, nota, está errado (o Moinho da Moura fica mais longe).

Junto do Moinho do Pires, na parte baixa do terreno, para o Nascente, ha um recinto rectangular, de que fala C. Ribeiro, e cuja parede occidental se prolonga fóra d'ele por certo espaço, desviando-se em seguida para a esquerda do observador. Esta parede ampara um grande aterro sobranceiro, onde está o referido moinho, e que sem dúvida era de um castro. A parede na sua base é formada de bancadas naturaes de calcareo, e no resto composta de pedras de diferentes tamanhos, unidas sem cimento algum, e não aparelhadas, mas no estado bruto, pouco mais ou menos como se vê no seguinte esquema (fig.2):

Os objectos archeologicos aparecem por toda a parte: na esplanada ou atêrro do Moinho do Pires, e nos vales e campos circunvizinhos.

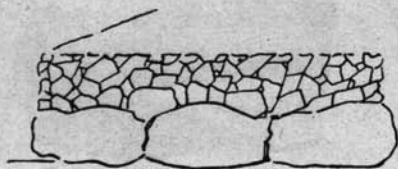


Fig. 2



Ffg. 4

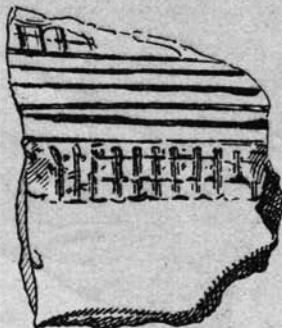
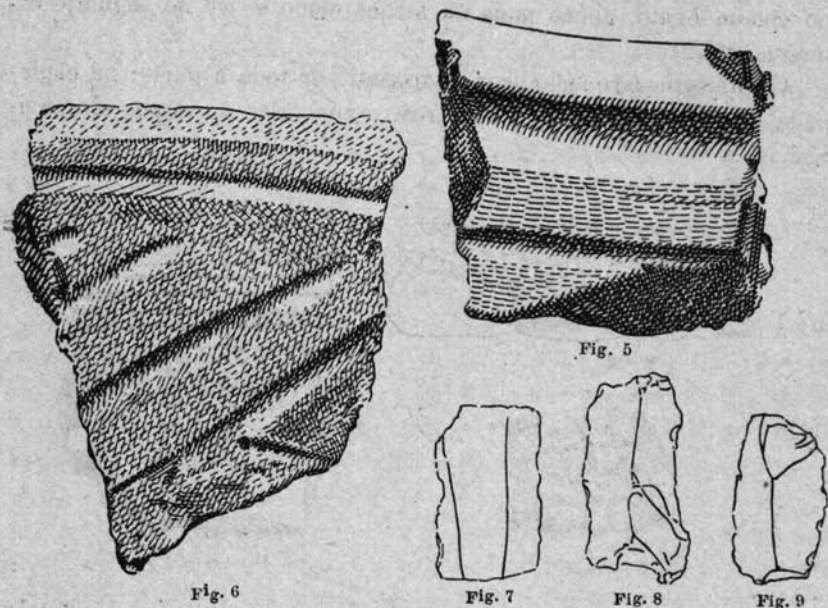


Fig. 3

Até hoje ainda não se descobriram nenhuns objectos de metal; todavia sou levado a crer que os Liceenses prehistoricos haviam chegado á posse do conhecimento do cobre, porque apareceram alguns fragmentos de vasos de barro ornamentados, cujos ornamentos se assemelham aos dos vasos das grutas da Quinta do Anjo, que pertence ao periodo calcolitico¹, isto é, da transição do periodo da pedra polida para o dos metaes. Os vasos da Quinta do Anjo estão no Museu da Direcção Geologica. Nas figs. 3 e 4 dou os desenhos de dois fragmentos que eu trouxe de Liceia para o Museu Etnologico. O barro é grosseiro, com granulos de quartzo e feldspato. No fragmento maior o desenho consiste em duas zonas e em vestigios de outra: a zona do meio é uma serie de linhas paralelas; as dos extremos são formadas de linhas cruzadas. Os desenhos estão no lado exterior do bojo.

¹ *Religiões*, I, 229 sgs.

e foram feitos com ponteiro, quando a pasta ainda estava fresca. — No fragmento menor o desenho consiste em linhas cruzadas, como nas duas ultimas zonas de que falei acima. Já o Sr. M̃arques da Costa, n-*O Archeologo*, XIII, 270, notou tambem a semelhança que existe entre as antigualhas d'aquelas grutas e as de Liceia. Um dia virá em que os Srs. Esteves Rodrigues e Casimiro de Carvalho, ou os seus companheiros, levantarão do chão, de debaixo de alguma lage, um punção ou uma seta de cobre!



Eis, nas figs. 5 e 6, desenhos de outros fragmentos ceramicos de Liceia, comparaveis aos de S. Mamede (Obidos), taes como existem no Museu Etnologico, pavimento II, armario 6.º: esses fragmentos pertencem a vasos maiores que os das figuras antecedentes.

Nas figs. 7, 8, e 9 representam-se fragmentos de facas de silex, d'entre os que ás dezenas ou centenas se encontram nos campos, em volta de Liceia: a lamina 7 tem secção trapezoidal; as outras duas tem secção triangular.

*

Estes objectos foram obtidos em 1 de Janeiro de 1914 numa excursão que fiz a Liceia com dois alunos meus, da Faculdade de Letras de Lisboa (Raul Navas, e Reis Machado).

Todos os desenhos são de Saavedra Machado, Desenhador do Museu.

J. L. DE-V.